



Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

*

Agosto de 1986

*

Nº 8

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Agosto de 1986

N.º 8

SUMÁRIO

Página

Vivência — Afonso Rabe	226
Cartas do Eng.º Krohberger ao Diretor da Colônia	228
Reivindicação do Dr. Blumenau	229
Figura do Presente - MANOEL C. S. KRIEGER - Edith Kormann	230
Diplomatas da RDA visitando Blumenau	232
Subsídios Históricos — Coordenação e Revisão: Rosa Herkenhoff	233
Um blumenauense como almirante de quatro estrelas — Gottfried Eutres (1929)	235
A história de Blumenau na correspondência dos imigrantes	237
Albany inaugura nova fábrica e entra para a história do Vale do Itajaí	242
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	246
Aconteceu... — Julho de 1986	248
BLUMENAU — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econô- mico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER	250
A Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, é uma guardiã da memó- ria nacional — Aricy Curvello	254

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cz\$ 20,00

Número avulso Cz\$ 2,00 -- Atrasado Cz\$ 3,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 50,00 mais o porte Cz\$ 10,00 total Cz\$ 60,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

VIVÊNCIA

Afonso Rabe

A todos os participantes da caminhada vital, este velho andante, já bem próximo do final, deseja recomendar com fervor e insistência: não se rendam à fatalidade ou à indolência.

— Aos jovens eu aditaria:

não existem idades isentas de contrariedades, como a ninguém faltam ensejos de felicidade. Sempre haverá concordâncias e contestações; problemas variados e concernentes soluções.

Erros, tropeços, insucessos, frustrações, em planejamentos, pesquisas ou execuções, continuarão a ser naturais contingências, em qualquer patamar da humana existência.

Mas, por piores que sejam os desfechos negativos, personalidades fortes, jamais se deixarão abater. Com energia perseverante e deliberação de vencer, poderão transformar malogros em êxitos decisivos.

Aqueles que, com amor, cumprirem a sua missão, em quaisquer tarefas, bons resultados obterão. Ademais, todo labor é honrado e se torna leve, quando se faz bem e com prazer, o que se deve.

— Aos idosos eu lembraria:

na senectude, quando o dinamismo tende a esmorecer, afazeres supletivos, o ânimo, costumam restabelecer. Novos estados de espírito passam a nos enriquecer e, o inevitável decaimento físico, fazem esquecer.

Cientes de nossas limitações e grau de proficiência, restrinjamo-nos ao viável com a possível eficiência. Vivamos com sobriedade esta derradeira experiência, de maior fragilidade e mais vulnerável resistência.

Os idosos já prejudicados em sua motilidade e, por causa deste embaraço, não mais atuantes, encontrarão passatempos ou livros nas estantes, para entretê-los e amenizar-lhes a soledade.

Mesmo se, à uma cadeira de rodas, já forçado, aquele que, pra leitura continuar capacitado;

tiver vontade e prazer de indagar e aprender,
tempo não terá para se queixar do envelhecer.

— Em qualquer época da vida:

tudo o que nós fizermos com dedicação,
nos dará uma proporcional compensação.
Cada dia tem algo de bom para nos dar.
Para achar e desfrutar, é só procurar.

Blumenau, março de 1986.

FEDERAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA TEM NOVA DIRETORIA

Recebemos o seguinte ofício:

“Florianópolis, 18 de junho de 1986.

Sr.

JOSÉ GONÇALVES

DD. Diretor da Fundação “Casa Dr. Blumenau”

BLUMENAU — SC

Excelentíssimo Senhor

Vimos com o presente levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, em Assembléia geral realizada no último dia 26 de maio de 1986, foi eleita e empossada a nova diretoria da FEFINUSC — Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina e que ficou assim constituída:

Presidente de Honra: Oscar Gustavo Kriger (Brusque)

Presidente: Renato Mauro Schramm (Florianópolis)

Vice-Presidente: Arno E. Martin (Blumenau)

1.º Secretário: Aldo Cosentino (Florianópolis)

2.º Secretário: Waldemar Gebauer (Timbó)

1.º Tesoureiro: Pedro Boehme (Florianópolis)

2.º Tesoureiro: João Alberto Brasil (Florianópolis)

CONSELHO FISCAL

Titulares: Ayres Gevaerd (Brusque)

Adolfo Walendowsky (Itajaí)

Celso Correia Zimath (Joinville)

Suplentes: Lelio Ballod (Brusque)

Curt Donner (Timbó)

Felix Reichert (Balneário de Camboriú)

Esperando merecer o seu apoio em todas as nossas iniciativas, em prol da Filatelia e da Numismática catarinense, aproveitamos a oportunidade para externar à Vossa Excelência os nossos protestos de elevada consideração e distinto apreço.

Atenciosamente

Dr. Renato Mauro Schramm

Presidente

Eng.º Aldo Cosentino

Secretário

“Com o esforço da inteligência e da vontade, pode cada homem crescer em humanidade, valer mais, ser mais”.

CARTAS DO ENG.º KROHBERGER AO DIRETOR DA COLÔNIA

“Blumenau, 11 de agosto de 1886.

Prezado Sr. Diretor!

Agora mesmo chego a saber que o terreno entre o do Sr. Scheidemantel e meu, o n.º 3 será vendido (mas eu já preparei a roça). Já por ocasião da medição, expressei o desejo de adquirir este pedaço de terra o n.º 3. Eu ainda não havia escrito a este respeito ao senhor, mas mencionei freqüentemente este desejo ao Sr. Lalle-mant assim pensei que tudo já estivesse resolvido e eu pudesse contar este terreno como meu. 1.º o terreno dividiria nossos terrenos (eram dois) e já preparei a curva até o rio, mais tarde pediria licença para retificá-lo. 2.º Deixei ao lado do meu terreno uma faixa de terra para a estrada. Lamento muito ter que incomodar o senhor com estes esclarecimentos, e porque ainda não escrevi ao senhor a este respeito e minha intenção de comprar o n.º 3 mas mesmo assim faço questão desse trecho de terra que na minha escritura já está assinado até a linha limite acima do n.º 2 e 3. O terreno n.º 3 perde um pouco do rio, mas são apenas barrancos.

Com cumprimentos respeitosos, assina

H. Krohberger”

—O—O—O—

“Blumenau, 12 de agosto de 1886.

Prezado Sr. Diretor!

O terreno localizado entre o do Sr. von Elbe e a projetada linha de esgoto tem mais ou menos 50 morgen e ainda teríamos que medir mais 30 morgen na margem esquerda do Velha para completar as 80. No desenho anexo já assinalei a metragem e inclusive um projeto para o futuro desenvolvimento dos terrenos da margem esquerda do Velha. O terreno do Sr. von Elbe marquei com 50 morgen, porque a picada que divide estes dois terrenos precisa ser aberta primeiro. Mais fácil seria se o Sr. von Elbe assumisse o terreno dos Lahrsch e mais 30 morgen pelo preço atual. O senhor colocaria os 30 morgen na margem direita acima deste terreno à disposição do mesmo? Assim começaríamos no limite dos Rüdiger e então teríamos cerca de 110m de frente ou talvez 3 pequenos terrenos que teríamos que incluir até o rio onde a frente seria de cerca de 40m mais largo, porque os terrenos dos Rüdiger e a linha de esgotos não correm paralelos.

Atenciosamente

subscreve

H. Krohberger”.

—O—O—O—

“Blumenau, 23 de agosto de 1886.

Prezado Sr. Diretor!

Senhor Lalle-mant comunicou-me que eu me inscrevesse relativo ao terreno n.º 3, na Velha. A minha escritura anterior mostra claramente que eu já por ocasião da divisão dos lotes estava seriamente in-

teressado de anexar este terreno ao meu e já por este motivo lhe dei a forma atual. Em verdade não acreditei que este terreno como sendo um pequeno isolado encontrasse de imediato um comprador e sabendo que havia muitas outras ainda livres.

Peço por isto a gentileza de me conceder sua autorização para a compra deste terreno n.º 3 e talvez também reduzir o preço, já que recebo praticamente o barranco. O preço atual está fixado em 300\$000.

Assina respeitosamente

H. Krohberger”.

—O—O—O—

“Blumenau, 24 de agosto de 1886.

Prezado Sr. Diretor!

A respeito do terreno da família Behnke estou sempre a seu inteiro dispor, pois não é mais do que uma minha obrigação. — Contando o terreno desde a (estrada até o rio da Velha) tem uma área entre 44 e 45 portanto 44 1/2 morgen. O que está localizado entre o dos Rot tem 37 3/4 morgen, e deste deveriam ser descontadas para a estrada 6.600m². Isto faria (75m comprimento e 8.800m largura), então 35 morgen.

Respeitosamente assina

H. Krohberger”.

REIVINDICAÇÃO DO DR. BLUMENAU

“Sua Excelência e Digníssimo Senhor Doutor Presidente da Província.

Dr. Hermann Blumenau, cidadão brasileiro e ex-diretor da antiga Colônia do mesmo nome, atualmente residente na Alemanha pede que V. Ex.^a se digne por intermédio de seu procurador Carl Hoepke e Cia. e a favor de seus direitos e interesses fornecer o conteúdo da primeira e segunda obrigação constada no contrato que o mesmo fez a 13 de janeiro de 1860 com o governo imperial por intermédio do Inspetor Geral em relação aos terrenos públicos e colonização junto ao Rio Itajaí em favor do mesmo governo Imperial.

Contrato citado contém instruções de 10 de dezembro do mesmo ano, de como a Colônia Blumenau doravante seria administrada. O mesmo contrato foi enviado naquela ocasião para apreciação do Ministério da Fazenda.

Nestes termos pede deferimento e espera ser atendido.

Desterro, 09 de outubro de 1889.

ass: Carl Hoepke & Cia.
Procurador”

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.
--

"MANOEL C. S. KRIEGER"

Edith Kormann

Manoel Carlos Simão Krieger, nasceu no dia 4 de fevereiro de 1918, em Ribeirão Máximo — Luiz Alves — SC. Trabalhou como agricultor e aos 16 anos já trabalhava numa serraria, época em que aprendeu a tocar violino e também as primeiras notas musicais com Heinrich Luedke (da Alemanha), que esteve alguns anos em S. Paulo, onde aprendeu música. Aos 18 anos, Krieger comprou um bandôñion e começou a estudar, sem professor, no livro "Aulas de Bandôñion" que lhe foi emprestado por Otto Danker, consertador de bandôñions. Inicialmente, Krieger tocou muito em casamentos, aniversários, festas dos Atiradores, etc. Em 1.º de setembro de 1941 veio para Blumenau, onde trabalhou 11 meses na Eletro-Aço Altona e depois 6 meses na Cremer. Krieger é um músico capacitado e sensível, pois apesar das poucas aulas de música que teve, possui um acervo respeitável de composições que são tocadas por bandas e conjuntos musicais, inclusive a Banda Municipal de Blumenau. Krieger transpõe as suas músicas para todos os instrumentos musicais de acordo com as necessidades das bandas ou conjuntos. Krieger é carpinteiro, o que não o impediu de fabricar um perfeito violino. Krieger é casado com Selma Krieger desde 2 de janeiro de 1943. O casal tem três filhas, Ingrid, Iris e Inelda.

Durante a Segunda Guerra, os músicos eram pouco solicitados, porém em 1946, Krieger começou, fazendo parte de um conjunto musical do qual participavam além de Krieger, Heinrich Arnold e Bernhard Penzlien; Reinhold e Ernst Espig. Por volta de 1959, fez parte do Conjunto de Ritmos Elite com sete figuras: Anselmo Witte, Ewald Metzner, Ernst Espig, Werner Boehm, Lindolfo Erdmann, Aparício A. Bento. Em 1960, começou a trabalhar por conta própria, aposentando-se como carpinteiro em 1978. Depois de aposentado, Krieger dedicou-se mais a compor do que participar de festividades. Por volta de 1976, Krieger participou do Jazz Típico Bavária, substituindo Alfredo Kormann que adoeceu, falecendo em seguida. Do Jazz participaram ainda entre outros, Ingo Padaratz, Walter Kaucher e Berthold Wollinger.

No decorrer dos seus quase cinquenta anos como compositor e tocador de bandôñion, Krieger recebeu três medalhas:

a — 13.º Festival de Conjuntos e Bandinhas de Pomerode (16-5-1982);

b — 7.º Aniversário de Salve a Banda em Timbó (16-7-1978);

c — Bandôñion — 1.º FEMURB (1.ª Feira Musical de Rio Bonito — Joinville — (14-8-1977).

Recebeu diploma de "Honra ao Mérito" como participante do Jazz Elite no dia 7 de setembro

de 1959, outorgado pelo 23.º BI e Prefeitura Municipal de Blumenau. Krieger também recebeu o "alfinete de ouro" que lhe foi presenteado pelo relojoeiro Arlindo Galz (5-2-1961).

A primeira composição de Krieger, a valsa "Sobre os montes" foi composta em 1940. Antes desta valsa, Krieger já compunha pequenas peças musicais. Entre 1960/1969, Krieger compôs a valsa "Vozes do Bandônion", e em 1974, a valsa "No tempo da alegria".

A "Banda Cavalinho Branco" de Blumenau e a "Bandinha Alegria" de Vila Itoupava, gravaram algumas músicas de Manoel C. S. Krieger.

A "Banda Cavalinho Branco" gravou: "Um passeio em Blumenau", marcha composta em 25-11-1979; "Nas colinas de Santa Catarina", rancheira composta em 17-01-1980; "Noites no Cavalinho Branco", marcha composta em 31-01-1981, no "LP" número três. "Festa Alegre", marcha composta em 3-4-1979 e a valsa "Saudades da Típica Blumenau", no dia 30-05-1981, no "LP" número quatro.

A "Bandinha Alegria" de Vila Itoupava gravou: a valsa "Lembranças dos Bons Tempos", composta em 30-03-1979; "Na Festa das Bandinhas" mazurca composta em 20-05-1979; "Lembranças de Luiz Alves", marcha composta em 10-05-1980, no "LP" "Festa das Bandinhas". "O Viajante Alegre", composta em 4-07-1981, foi gravada no "LP" "Sob as Palmeiras".

Além dessas músicas gravadas, Krieger compôs ainda, as

marchas: "Bonecas de Neve" (31-05-1979), "No dia do Papai" (12-08-1979), "Festa dos Atiradores" (25-07-1981), "Reconstruir" (16-07-1983), "Despertar" (15-09-1983). As **valsas** "Lembranças de Vila Itoupava" (23-09-1979), "Pomerode, Verde Vale de Paz e Encanto" (11-11-1979), "Tudo Bom" (26-12-1980), "Piquenique no Morro Azul" (28-06-1981), "Noite Alegre" (9-08-1981), "A Visita Chegou" (8-08-1982), "Valsa da Felicidade" (23-09-1983). As **polcas** "Bom Dia, Gente Alegre" (16-11-1979), "Os Alegres Clarinetistas" (23-11-1979), "Flores de Aniversário" (25-01-1981). As **mazurcas:** "No Tempo dos Avós" (14-10-1979), "O Alegre Namorado" (27-05-1981). No dia 14-06-1979, Krieger compôs "O Tango". No dia 14-03-1979, o **samba-maxixe** "Alô Maxixe". Compôs os **Reinlaendler**, "Dançar Alegre" (20-04-1979) e "Quando amigos se reencontram" (12-02-1980). Os **sambas** "Lá vem o samba" (16-05-1979) e "Samba Alegre" (7-08-1979). O **baião** "Na praia de Armação" (21-06-1979). O **fox** "Nós em Blumenau" (7-06-1979) e "Quando estou solitário faço a minha música" fox composto em (13-09-1979). No dia 1.º de julho de 1979, o **calipso**, "1.º de julho".

Anos se passaram desde a participação de Krieger em conjuntos como o "Conjunto de Ritmos Elite", a bandinha da Sociedade Recreativa e Cultural "Lyra" e outras mais. Atualmente Krieger toca pouco, dedica-se mais a compor músicas para bandônion.

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

DIPLOMATAS DA RDA VISITANDO BLUMENAU

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

Brasília, em 19 de junho de 1986

Excelentíssimo Senhor,

Pela presente a Embaixada da República Democrática Alemã na República Federativa do Brasil, gostaria de agradecer a Vossa Excelência pela atenção, hospitalidade e apoio dispensados por ocasião da visita de apresentação do Chefe do Departamento Consular desta Embaixada, o Senhor Dieter Herrmann, e o Chefe da Seção Consular do Escritório Comercial da República Democrática Alemã em São Paulo, o Senhor Hans-Dieter Beuthan. Aproveitando a oportunidade queremos transmitir os nossos cordiais agradecimentos ao Senhor Alfredo Wilhelm por sua gentileza e simpatia.



(esqu. à direita): Prefeito Dr. Dalto dos Reis - Alfredo Wilhelm
- Hans Dieter Beuthan - Dieter Hermann.

Nós consideramos a visita de representantes da Embaixada da RDA à bela cidade, uma contribuição para fortalecer as boas relações existentes entre a República Democrática Alemã e a República Federativa do Brasil e especialmente com a cidade de Blumenau e seus cidadãos.

Queremos manifestar o desejo de que este relacionamento desenvolva-se e continue futuramente da melhor maneira. Esperamos que a viagem que fará o Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Democrática Alemã, o Senhor Dr. Werner Hänold, a

Blumenau no dia 02 de setembro de 1986 na base de um convite feito por Vossa Excelência, dê continuidade às boas relações já iniciadas.

Queira aceitar, Excelência, os protestos da mais alta estima e distinta consideração.

Dr. Günter Metzker
Encarregado de Negócios a.i.

Sua Excelência o Senhor
Dalto dos Reis
Prefeito Municipal de Blumenau
Blumenau — SC

Subsídios Históricos

Coordenação e revisão: **Rosa Herkenhoff**

(Pequena Contribuição para a Crônica da Colônia Dona Francisca)

(Continuação)

46. — **Jahn**, um dos três primeiros açougueiros da Colônia Dona Francisca, conhecido pelo modo um tanto áspero de tratar, às vezes, a sua freguesia.

47. — **João Bauer**, negociante à estrada Dona Francisca, quilômetro 5, ativo membro da política local e diversas vezes juiz de paz. Devido a sua baixa estatura, chamado vulgarmente "Der Kleine Bauer" (O pequeno Bauer).

48. — **Carl Patzsch**, veterinário. Em 1863 estabelecido na localidade de Annaburgo, distante 8 quilômetros da Sede, com um perfeito engenho de açúcar e aguardente, movido pelas águas do rio Motucas e com negócio de secos e molhados, fazendas e ferragens em pequena escala. Ativo membro da administração municipal.

49. **Albrecht Schmalz**, funileiro, imigrado em 1853, com dois anos de idade, falecido há poucos anos. Irmão de João Paulo Schmalz e pai do Industrial Alfons Schmalz e de Harry Schmalz.

50. — **Henrique Colin**, negociante, estabelecido primeiramente em São Francisco, mudando, porém, logo para Dona Francisca. Estabeleceu-se à estrada Blumenau, no cruzamento da estrada que conduz para Annaburgo, com negócio de secos e molhados, fazendas, ferragens, etc. em pequena escala. Irmão de Johannes Colin.

51. — **Salvador Correa**, primeiro tabelião do primeiro tabelionato, vulgarmente chamado de "Hinkedei" (Capenga), devido a sua perna aleijada.

52. — **Carl Julius Parucker**, negociante, pai de Otto L. Parucker, recentemente falecido, primeiro comissário de polícia.

Joinville, fevereiro de 1950
ass: **João Krisch**

Nota referente à atividade do engenheiro August Heeren:

O problema da construção de uma estrada de rodagem para o planalto de São Bento, muito antes de August Heeren já preocupava o engenheiro August Wunderwald, cujo projeto previa o prolongamento da estrada Blumenau atravessando o morro Duas Mamas. Esse projeto, devido ao seu traçado, evidenciou-se ser inaceitável e foi abandonado, ainda mais que a construção, pelo Governo Imperial, da estrada Dona Francisca, diminuiu, em grande parte, a sua importância relativa.

Movido pelas razões que impediram a realização do projeto, August Wunderwald iniciou uma excursão para estudar a topografia entre a Colônia Dona Francisca e Blumenau a qual, naquela época, era totalmente desconhecida. Chuvas incessantes e as enchentes dos rios, durante vários dias, impediram o avanço da turma, obrigando-a a se alimentar, durante semanas, de palmito, etc.

Essa excursão arruinou a saúde de Wunderwald que pouco depois, faleceu em consequência das moléstias contraídas. É fácil imaginar o estado em que se achavam todos os companheiros de Wunderwald. Alguns ficaram no último rancho, aguardando os alimentos que Wunderwald lhes enviou, imediatamente após a sua chegada a Joinville, pois sem isto não teria sido possível prosseguirem a viagem.

Assim terminou a primeira travessia da imensa mata virgem entre Blumenau e Dona Francisca.

August Heeren, aproveitando o resultado dessa excursão, em vez de prolongar a estrada Blumenau, iniciou a construção da nova estrada no cruzamento da estrada Blumenau com a estrada Annaburgo, em direção Sul, evitando deste modo, quase todos os obstáculos que se opunham ao projeto Wunderwald.

Comparando, porém, o projeto Wunderwald com o de Heeren, verifica-se que o de Wunderwald encurtaria a distância entre Joinville e Hansa (Corupá) em cerca de 20 quilômetros.

Joinville, fevereiro de 1950

ass: João Krisch

O manuscrito acima, encontra-se em mão da filha do autor, dona Hilda Anna Krisch.

ANTIGA PONTE DO SALTO

(Blumenauer Zeitung — ano 31 — n.º 37 — sábado, 14 de setembro — 1912)

“O navio Alemão “Gutrene” atracou sábado no Porto de Itajaí e na tarde seguinte prosseguiu viagem. Trouxe o mesmo navio grande carregamento para a ampliação da instalação elétrica e a parte metálica superior da ponte do Salto.”

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense
--

Um blumenauense como almirante de quatro estrelas

Gottfried Eutres (1929)

Quando assumi em 1917 a direção da Deutschen Schule em Blumenau, me receberam somente os senhores Blohm, Schrader, Koehler, etc., como membros da diretoria, naturalmente também os professores Eättner, Drawin, Zimmermann, todos com visível curiosidade: Como será que agirá o novo chefe? Logo constatamos que podíamos apresentar um rendoso trabalho em conjunto, que naturalmente findou, quando ao rompimento diplomático entre o Rio de Janeiro e Berlim, seguiu a formal declaração de guerra. Neste meio tempo, minhas relações de amizade com Zimmermann estreitaram-se e não só por sermos vizinhos na rua 15 de Novembro, mas também seus dois filhos Julius e Gerda brincavam com os meus. Neste tempo cheguei a reconhecer seu entusiasmo e seu trabalho consciencioso. Assim se deu sem precisar muito esforço que eu o livrasse deste "dolce far niente" chamando-o para São Paulo, onde desde 1919 estava ocupando a direção da grande escola "Clinda". Quando em 1923 terminei minha permanência na América do Sul, apresentava-se a ele a oportunidade de tornar-se igualmente útil e indispensável ao meu sucessor, Dr. Hoch. Em 1927 voltou novamente para a Alemanha, desta vez com mais dois filhos que haviam nascido em São Paulo, Armin e Liesa.

Seus ricos conhecimentos fizeram com que fosse escolhido pelo Instituto de Desenvolvimento

de Professores para o Estrangeiro" em Hamburgo, porém uma doença impediu que isto acontecesse. Assim assumiu o cargo de Diretor da grande escola pública de Parna em Leipzig. Em 1930 foi promovido a reitor da escola especial de Leipzig-Konnwitz, cargo que exerceu com satisfação. Como a maioria de seus colegas ele também ligou-se em 1933 ao partido Nazista, que logo aproveitaram-se de seus conhecimentos e entregaram-lhe a repartição de grande responsabilidade de "Conselheiro do Sistema Escolar" de Leipzig. Depois da queda da ditadura hitlerista em 1945, Zimmermann pertenceu aos muitos, que a força comunista permitiu que no campo de concentração refletissem sobre sua cooperação com o 3.º Reich. Gravemente doente foi liberado e a 16 de janeiro de 1952 faleceu em Fleusburg.

No ano de 1924 no porto paulista ancorou o cruzador "von der Tann"; entre as centenas de pessoas que foram à recepção estava também o professor Zimmermann com seus dois filhos, dos quais o mais moço, Armin com 7 anos de idade tornou-se um entusiasta da marinha e tinha somente um único desejo: ser oficial da marinha. Em 1937, então com 20 anos ingressou na marinha alemã e em 1939 ocupava o lugar de um tenente da força anti-aérea e era ajudante de um Almirante que comandava uma frota de captadores de minas, o posterior inspetor da marinha do Reich Frie-

drich Ruge, que hoje é ainda professor honorário da Universidade de Tübingen. Ele foi meu professor que ensinou-me a trabalhar com o espírito, declara Zimmermann. Este sempre esteve às voltas com minas, e guarda-costas. Minas, barcos infláveis e barcos de espaço estavam sob seu comando.

Depois de 1945, dirigiu, sob o comando inglês, uma frota de captadores de minas no mar do norte e finalmente em 1961 tornou-se comandante de uma esquadra de Caçadores de Minas da República Federal da Alemanha. De 1963 a 1965 foi oficial do Estado Maior da NATO, para controle de passagem ao Oriente. Em 1965, Dirigente Referente a Política Militar no Estado Maior das Forças Armadas. Então pertenceu por quatro anos ao grupo que em Bonn estava encarregado da política de segurança interna e depois externa, mais tarde ativo na própria Chancelaria. Tomou parte ativa e decisiva na revisão da defesa nuclear, agindo com sábio e humano relacionamento. A este coman-

dante da Marinha deve-se que as forças ocidentais tivessem participação ativa no planejamento de participação dos Estados Unidos conseguindo assim que a Alemanha Ocidental fosse aceita nas conferências sobre o emprego nuclear na Europa. Em 1971 foi designado como Adido da Marinha junto à Embaixada Alemã em Londres.

Em 01 de abril o atual inspetor geral das Forças Armadas da República Federal Alemã, General Maizière aposentou-se e Zimmermann tornou-se seu sucessor. É o primeiro membro da marinha a ocupar tão importante cargo. Seu posto de Almirante se apresenta publicamente ostentando de agora em diante quatro estrelas douradas no uniforme, sendo igualado aos generais.

Nascido em Blumenau deveria contar ali também com a mesma consideração que é demonstrado a outros filhos ilustres da terra.

(Transcrito e traduzido do livro Centenário da Imigração Alemã em Sta. Catarina — 1929).

INAUGURAÇÃO DO SINO DA IGREJA DE ITOUPAVA REGA EM 15.07.1913

(Extraído do Jornal Blumenauer Zeitung)

A bonita igreja evangélica em Itoupava Rêga que foi inaugurada em dezembro do ano passado, recebeu agora também um belo sino.

O mesmo foi feito na famosa fundição de Eochum. No domingo, dia 15 de junho, aconteceu a inauguração pelo pastor local, Pastor Gabler. O culto principal aconteceu por ocasião dos 25 anos de governo do imperador alemão.

Foi uma linda festa e trouxe muitos visitantes. Muitos velhos imigrantes ficaram emocionados e seus olhos se encheram de lágrimas. A igreja de Itoupava Rêga é a quinta de toda a comunidade evangélica a receber um sino.

A história de Blumenau na correspondência dos imigrantes

Do Professor Ferdinand Ostermann para seus pais

Blumenau "Der Kolonist" (O Colono) 1853

"Colônia Blumenau, 12 de abril de 1853

Queridos pais e irmãos!

A sua última carta de 8 de setembro, recebi bem no último natal através de um imigrante e foi o melhor presente de natal que já recebi. Agora aos últimos acontecimentos.

Até o dia 1.º deste mês, eu estive sempre com Dr. Blumenau, trabalhava sempre com ele no jardim, mas muito mais junto a escrivãinha. Desde há tempos, quando chegou a primeira leva de colonos, em fins de agosto do ano passado, cerca de 60 pessoas, eu de tempos em tempos administro o culto religioso. No dia 1.º de abril eu fui para junto de uma família alemã, que mora distante da Colônia de Blumenau, cerca de 2 horas rio Itajaí abaixo e ali ficarei como professor domiciliar. Esta família chama-se Deschamps e é natural da região alemã da França, próximo a Saarbrücken e já encontra-se no país desde 1826. Ela era tão pobre como quase todas as famílias alemãs que chegam aqui e teve que lutar muito nos primeiros anos. Enfrentou grandes dificuldades que hoje já não se conhece mais.

Com trabalho árduo e perseverança, seus membros alcançaram uma certa estabilidade, que hoje se pode chamar de riqueza. Possuem 30 geiras de boa terra, das quais 4 geiras de bela terra

cultivadas. Ali encontram-se bonitas e fortes casas, construídas totalmente em estilo alemão. Ao lado das casas, encontram-se currais para os porcos, galinheiros, jardim, plantação de café e as costumeiras árvores frutíferas. Tudo isto cercado por uma grande área de pastagem, onde estão 40 cabeças de gado, alguns cavalos, porcos, marrecos e galinhas. Este pasto está isolado por uma cerca da área cultivada. Ali plantam cana-de-açúcar, mandioca, milho e feijão. Este ano lucraram cerca de 600 mil réis somente da cana-de-açúcar no preparo da aguardente. As pessoas vivem sem preocupação e do ponto de vista alemão, muito bem. Eu tenho lá 4 alunos, dos quais o mais moço tem 11 anos, e devo iniciá-los no estudo elementar, pois sobre ler, escrever e aritmética não têm quase nenhum conhecimento. Além disso ainda continuo na colônia o meu trabalho de culto. Os colonos que chegaram a Blumenau, tiveram um início muito difícil, porque de setembro até novembro, choveu muito e alguns desanimaram, deixando a colônia novamente. Mas os que ficaram, certamente não se arrependem, e agora estão em situação bem melhor do que aqueles que abandonaram a colônia. A terra que

nós possuímos é muito boa, com água saudável e nada mais podemos desejar do que mais 100 famílias ali estabelecidas.

O cultivo de fevereiro e do outono está ótimo e é isto que anima muito os colonos. Eu agora estou totalmente aclimatizado e gozo de excelente saúde. Muitas lembranças envio e não se preocupem, pois eu vivo aqui numa terra onde um homem correto sempre encontra seu sustento. Você exige a verdade meu pai, aqui eu a escrevi.

Passem bem todos e dêem notícias em breve, mais lembranças de seu

Ferdinand Ostermann
Professor de álgebra em
Nordhausen".

(Carta publicada em alemão no "Der Kolonist" n.º 50 — pág. 198 de dez/1853).

Carta escrita por Julio Baumgarten de Lichtenburg (este nome foi dado a sua colônia aqui em Blumenau que ele assim denominou).

"Lichtenburg, (Blumenau), 25 de janeiro de 1855.

Querido pai!

As cartas que vocês escreveram em fins de outubro, recebemos felizmente em princípio de janeiro. Todos ficamos muito contentes e agradecemos de coração. Muito contente fiquei ao saber que eu vos alegro com minhas cartas e que vocês gostam de ler as

mesmas, repetidas vezes. Oh! meu querido pai, se eu pudesse lhe escrever sempre cartas repetidas de boas notícias, mas não, nosso Pai no céu o quer diferente, Ele me impôs duas provas, que infelizmente preciso comunicar-lhe. Ah! que pecado será que cometi para que Deus me castigue assim. Muito tenho que sofrer nesta terra estranha, longe de vocês, meus queridos. Como é difícil escrever estas palavras, que lhes trarão a terrível desgraça que nos aconteceu na sexta-feira passada, dia 19 de janeiro: a implacável morte mais uma vez ceifou uma vida; foi o dia da morte de nosso querido Narwold. Faleceu às 6 horas da manhã, uma suave e rápida morte, durante o trabalho na serraria, a qual ele dedicava-se de corpo e alma. Na manhã do infeliz dia, saiu de casa alegre e contente, pois tinha um grande trabalho a fazer. O lugar onde seria colocada a roda de água teria que ficar pronto naquele dia e assim terminaria uma grande parte do trabalho. Todos os cuidados foram tomados e ninguém imaginava a desgraça que se aproximava. Foi então que desmoronou uma parede e soterrou o nosso infeliz Narwold. Um outro operário também ficou soterrado até o peito, mas não ferido. Cerca de 100 carretas de terra tivemos que retirar, e quando o alcançamos ele infelizmente já estava morto. Morreu sufocado pela grande massa de terra. Mesmo um médico que imediatamente chamamos, nada mais pôde fazer.

Domingo, ao meio-dia, foi o

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

enterro, e muitos amigos compareceram. Foi enterrado na terra que também lhe pertencia, no jardim entre a nossa casa e a serra-ria. Chorem comigo, deixem que as lágrimas corram livremente pela face. Vocês sabem o quanto o estimava, não sei como vou suportar esta perda. Oh!, eu deixaria tudo, preferia mendigar, trabalhar para estranhos mas que me fosse permitido caminhar pela vida ao lado deste anjo. Oh! Deus, como são estranhos seus desígnios, impossível de entender. O trevo de três folhas está desfeito, mas junto à sua sepultura mais nos unimos e queremos continuar nosso trabalho para que ele lá do alto veja que seu sacrifício não foi em vão e pedimos as bênçãos do Pai. A vida de um jovem colono em terras estranhas, não é fácil como muitos imaginam e que nós mesmos imaginávamos. Às vezes parecem quase intransponíveis. Nesta curta permanência de 1 ano aqui, já muitas coisas aconteceram. Contam primeiro 4 meses de aclimatização, acidentes que reduziram as economias, seguido pela morte de um amigo no trabalho e quase outros dois saíram vítimas. Mas não posso desanimar, não quero que digam que eu me deixei abater por estes golpes do destino. A construção...

(Não tem continuação —
carta incompleta)

Julio Baumgarten".

Transcrito de uma carta que o Dr. Blumenau escreveu ao Superintendente Baumgarten em Lichtenburg-Braunschweig em 12 de dezembro de 1853.

"Prezado Senhor Superintendente!

Sua amável carta de 26 de setembro recebi apenas anteontem, depois de ter ficado bastante tempo retida em Santa Catarina. Apresso-me, portanto em responder primeiro sua missiva de 12 de abril. Muitas outras correspondências também importantes impediram que eu lhe escrevesse logo e peço desculpas ao senhor, sabendo que neste meio tempo já deve ter recebido por várias vezes notícias tranquilizantes de seu filho.

Receba agora os meus sinceros agradecimentos por estas duas cartas e a confiança nelas expressada. Cartas desta natureza exigem de minha parte certa responsabilidade, enquanto muitas outras que recebo são bem menos simpáticas e muitas vezes aconteceu que meus lucros eram apenas ingratidão pelos missivistas. Assim cartas como as que recebo do senhor são reflexos luminosos na minha árdua luta, na qual o destino me lançou. Estou numa constante luta na Alemanha a favor do Brasil e em especial por meu empreendimento. O senhor e meus parentes naturalmente não podem ter conhecimento disto, já que a luta se trava atrás dos bastidores com secretas e mesquinhas intrigas, que para mim são deveras desagradáveis e precisam ser analisadas em correspondência particular. De lá não poucas vezes me vejo molestado com escritas e pomposas frases que exalam incenso, mas por baixo escondem-se as garras do egoísmo e a tentativa de ludibriar-me. Muitas vezes estas tentativas são tão sutis que eu ingenuamente ou como quiser, infantilmente me vejo enganado. Aqui, portanto, somos muitas vezes persegui-

dos por aborrecimentos, desilusões e exigências, que realmente não posso atender. Sempre estou cercado por preocupações que ameaçam minha obra. Meu objetivo é expandi-la sempre mais para que mais tarde possa sobreviver por si e não mais precise de minha mão zeladora e tão fraca. Sob estas circunstâncias o senhor não se surpreenda se eu chamo as cartas que me escreve, tão cheias de sincero respeito e total confiança, como verdadeiros pontos luminosos. Portanto, novamente quero expressar-lhe meus agradecimentos e com grande alegria agora que tive tempo suficiente para observar o comportamento de seu filho, o qual aprecio sinceramente. Tenho a certeza que com ele não sofrerei nenhuma decepção como anteriormente já aconteceu com outros jovens que me foram recomendados. A vinda de jovens, dispostos, trabalhadores e com alguma posse, são sempre bem-vindos por nós. O senhor deve saber que nós aqui chamamos de "jovens" aqueles que ainda não têm 28 anos e pai de 3 a 4 filhos, mesmo aqueles já casados. Seu filho mostra-se ativo, disposto e alegre e estando em situação financeira relativamente privilegiada para mim e a satisfação ainda é maior, pois não é só uma nova aquisição para a colônia, mas também útil, caso não perca o ânimo. Mas isto só veremos com o passar dos anos e depois de ter enfrentado também os tempos ruins. Além de tudo ele ajuda a enriquecer o pequeno grupo social. Eu gosto realmente do "pequeno prefeito de Lichtenburg", foi assim que ele denominou sua pequena propriedade. Não sei quem lhe deu este apelido mas te-

nho a certeza que conservará este título até o fim de sua vida. Agradeço aqui mais uma vez ao senhor, que enviou-me este rapaz tão gentil e prestativo. Tudo que possa fazer por ele, o farei e tenho certeza que não desistirá tão facilmente. Se a saudade lhe apertar o coração eu estarei ao seu lado, fiel e compreensivo, pois, eu mesmo já passei horas iguais. Encontrei no senhor, igualmente, um fiel e confiante amigo, nas minhas horas mais amargas, e sem esta sua amizade dificilmente me encontraria entre os vivos. Quando todos os meus planos para o futuro, ruíram; quando a noite do desespero desceu sobre mim, foi então que encontrei não só o amparo de Deus, mas também de um outro grande amigo.

O que seu filho faz agora e o que ele pretende fazer, certamente ele já escreveu. Infelizmente ele teve nos últimos dias um prejuízo considerável: perdeu um bom cavalo e uma canoa. Também está há bastante tempo com os pés feridos, talvez em consequência da aclimatização. Eu pessoalmente também há quase 3 meses tenho abcessos por todo o corpo, mas já está melhorando. Em verdade este verão não foi muito saudável; tivemos dias muito quentes, até 28°R. e isto bem cedo. Agora já há 8 dias chove continuamente e a temperatura baixou, refrescando a terra e as pessoas.

Alguns problemas com empregados Julio também teve, mas para felicidade dele, conseguiu um casal sem filhos que veio de Dona Francisca. Este casal eu enviei para Julio que agora tem uma grande ajuda e sua casa em ordem. Para favorecer ainda mais

seu filho, eu presenteei um jovem imigrante com 100 Morgen nas proximidades de Julio; assim ele não mais continua a ser o último imigrante. Em breve talvez outras pessoas se instalarão do outro lado do rio; é preciso somente paciência. Sallentien antigamente, lamentava-se comigo frequentemente que ele estava localizado muito sozinho. Agora a pedido de Julio, dei-lhe um vizinho. Quando resolvi presentear com 100 Morgen um jovem imigrante, logo apresentaram-se mais 3, mas só pude atender um. Como a terra lá é boa e fértil e já tem o valor de 2 mil réis, só foi possível favorecer uma pessoa, o que também fiz.

Julio parece agora satisfeito e não mais tão ansioso por vizinhos, talvez porque desde que o casal está com ele, sua vida se normalizou. Um trabalho na lavoura, para os solteiros, aqui na terra, não é nada agradável e com o tempo quase insuportável. Já tive experiência nesse sentido, por exemplo, com Kellner e cada vez me convenco mais que o imigrante que trabalha na terra, necessita do auxílio de uma mulher e boa dona de casa. No meu relatório anual, eu frisei isto bastante, e fui por este motivo, criticado, tanto aqui como lá.

Há pouco tempo atrás chegou um impressor, que riu muito sobre isto nos primeiros 8 dias, mas depois de 8 semanas ele procurou-me, lamentando-se e concordou comigo sobre este ponto, dizendo que uma esposa aqui é

tão necessária como o pão-de-cada-dia.

Na Alemanha, dificilmente podem imaginar isto. O melhor conselho portanto que o senhor pode dar a jovens imigrantes, que procuram seu conselho é o seguinte; procurem trazer uma esposa com prendas domésticas e que não esteja muito habituada à cidades grandes. No primeiro ano, ela reclamará, talvez um pouco, uma vez ou outra, mas logo depois de 2 anos ela se sentirá satisfeita e depois de 3 anos, já nem pensa mais na vida que levava na Alemanha. Digo isto aos jovens e eu não estou brincando, mas sim, falo sério. Naturalmente, outros fatores importantes também têm que ser observados quando se toma uma decisão tão séria e decisiva para a futura felicidade; mas uma coisa é certa: nos novos países em fase de colonização, onde as condições de vida são mais simples e naturais do que na Europa, os casamentos são em geral felizes. Os solteiros aqui, para mim, são muitas vezes uma verdadeira praga e eu gostaria de ver, principalmente os mais velhos, como Sallentien, Kellner e Gaertner já casados. Enquanto isto não acontece, não existe uma verdadeira solidez e somente um provisório em tudo que fazem.

Provavelmente, o senhor se surpreende com a minha defesa do casamento, eu o solteirão, mas deve compreender que comigo, outros fatores estão em jogo e a situação ainda não permite que eu me ligue a uma esposa. Devo con-

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

siderar-me ainda um nômade, mesmo que já comece a me sentir cansado desta vida e desejaria levar uma vida mais tranqüila. Mas já considero-me um solteirão que não mais serve para uma jovem esposa. Mas não é possível ter tudo; porém, que estes empecilhos que se relacionam comigo, não recaiam sobre os jovens emigrantes que queiram uma nova vida, seja aqui ou em outro lugar qualquer.

Hà poucos dias, recebemos visita de Dona Francisca: dois ex-tenentes de Schleswig-Hollstein e hoje os dois melhores colonos práticos naquela colônia. Eles pretendem se transferir para cá e se isto acontecer causará muita agitação. Se eu tivesse mais dinheiro disponível não teria dificuldade em trazer 50 ou 150 pessoas trabalhadoras de lá. Nós juntos visitamos o "pequeno prefeito" e a terra de Kellner e lá comemos peixe fresco, deliciosamente preparado por uma senhora. O retrato do senhor com suas duas filhas estava colocado na parede da sala e chamou a aten-

ção de todos os dois jovens presentes, dos quais não faço mais parte, pois já passei a linha do Equador e a lua já brilha na minha cabeça. Mas que homenageamos o prezado pai de nosso "prefeito" entre duas belíssimas filhas é compreensível. Várias vezes brindamos à sua saúde, e não importa o que tenhamos feito com uma simples, mas boa cachaça, que pode mesmo comparar-se com um vinho. Especialmente entusiasmado ficou o nosso amigo Sallentien — o coitado tem a infelicidade de não poder ver um gentil rosto feminino ou um avental novo sem explodir em entusiasmo — este já parece ser um mal crônico dele, como para mim as hemorróidas.

Ainda gostaria de conversar um pouco mais, mas o papel terminou e o tempo também. Receba minhas lembranças e espero receber também em breve notícias do senhor. Com respeito e estima assina

Hermann Bruno Otto Blumenau".

(Tradução de Edith S. Eimer)

Albany inaugura nova fábrica e entra para a história do parque industrial do Vale do Itajaí

Um pouco da trajetória desta empresa, nas palavras do seu presidente no Brasil

Por ocasião da solenidade oficial de inauguração da nova fábrica da Albany International, ocorrida dia 14 de abril em Indaial, o sr. Ross A. Parkinson, presidente da organização no Brasil, pronunciou o seguinte discurso, pe-

rante centenas de convidados que lá foram abrilhantar o importante acontecimento:

"Excelentíssimo Sr. Governador do Estado de Santa Catarina, Dr. Eperidião Amin e Sra. Angela Amin,

Excelentíssimo Sr. Prefeito do Município de Indaial, Sr. Luiz Polidoro e Sra. Laura Polidoro,

Excelentíssimo Sr. Vice-Pre-

feito do Município de Indaial, Sr. Arno Zoschke, demais autoridades presentes,
prezados senhores e senhoras.

Realmente, é com grande prazer que lhes damos as nossas boas-vindas a Indaial, e nós aqui da Albany, desejamos agradecer a presença de todos nesta importante data...

Um dia que marca a conclusão de uma longa série de acontecimentos, planejamentos, decisões e problemas que à primeira vista pareciam impossíveis de serem resolvidos...

Muitos esforços, trabalho, sacrifícios, momentos de frustrações foram vivenciados, mas entremeados também de alegria, satisfação e orgulho.

Fazendo uma retrospectiva dos acontecimentos que na verdade começaram em setembro de 1983, após a desastrosa enchente em agosto, era evidente que não poderíamos continuar naquele local. Investimentos em novos equipamentos, processos, produtos e serviços teriam que ser feitos para melhorar a nossa posição no mercado. A questão era ONDE?

A Diretoria da Albany International Corporation, autorizou o início do pré-projeto para uma nova fábrica e a procura de um local adequado.

A busca nos levou a muitos possíveis locais, em várias cidades e Estados. Para encontrar uma área de 150.000 m², não somente livre de enchente, mas num local onde todos os serviços de comu-

nicacões, água, eletricidade e transporte pudessem ter continuidade durante uma enchente, não foi uma tarefa fácil.

Por volta de dezembro de 1983, os possíveis locais para nova Albany, tinham se reduzido a dois ou três.

Haviam fortes argumentos para que fosse escolhida a cidade de Curitiba e a tendência de vários diretores de nossa empresa era por aquele local.

Mas, o que foi extremamente importante para a tomada de decisão, foi o reconhecimento por nossos funcionários e entusiasmo, a ilimitada energia e os esforços contínuos dos Srs. Luiz Polidoro e Arno Zoschke, a providencial intervenção do Sr. Governador, Esperidião Amin, e dos Srs. Secretários de Transportes e Comércio e Indústria, Marcos Rovaris e Etevaldo da Silva, foram os instrumentos preponderantes em meus argumentos de que a Albany devia permanecer no Vale do Itajai.

E no dia 1.º de maio de 1984, a Diretoria da Albany International Corp. respondeu positivamente a nossa solicitação para construir a nova fábrica, neste local em Indaial.

Dessa forma, os esforços do Governador, Prefeito e Vice-Prefeito e do pessoal da Albany, foram recompensados, garantindo assim, a continuidade dos empregos, segurança e satisfação para o nosso leal e altamente qualificado pessoal.

Ficou também assegurado a continuidade de nossa importante contribuição de ICM, aos cofres

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

de nosso grande Estado — Santa Catarina.

No dia 11 de maio de 1985, na reunião na Câmara de Vereadores de Indaial, presidido então pelo Sr. Wilson Schmidt, a nossa solicitação por incentivos sob forma de terraplenagem e infra-estrutura, foi aprovada por unanimidade. Ao mesmo tempo, a Albany doou ao município de Indaial, 47.000 m² de seu terreno localizado na parte oeste, a ser destinado a um parque natural perpétuo.

No dia 25 de maio, com a presença do Sr. Secretário de Transportes, Sr. Marcos Rovaris, foi feito o lançamento da pedra fundamental e o primeiro equipamento de terraplenagem do DER começou a trabalhar. Uma tarefa que era nivelar o ponto mais alto a 25 metros de altitude, transportar e compactar quase 600.000 m³ de terra, levou quase 12 meses para ser concluída.

As chuvas atrapalharam os serviços de terraplenagem e no dia 6 de agosto de 1984, o problema que mais temíamos ocorreu — uma grande enchente uma vez mais inundou o vale.

Originalmente, o nosso projeto estipulava o início de nossas operações para fevereiro de 1986, mas, devido a enchente, decidiu-se por acelerar o projeto, assim o prazo programado para o término da construção foi reduzido em 1 ano, e a conclusão da mudança para Indaial foi reprogramada para o final de 1986.

Um excelente trabalho para a finalização de todo o projeto: arquitetura, desenhos e especificações, foi feito pela firma Lindner, Herwig, Shimizu Arquitetos, o qual foi então encaminhado para a obtenção de orçamentos para construção.

Esta mesma firma foi também contratada para analisar propostas das construtoras e mais tarde de fiscalizar todas as fases da obra.

A firma Omnia Engenharia e Construções S.A. foi a vencedora da concorrência, e o contrato geral foi assinado por volta de meia-noite do dia 21 de dezembro de 1984, por Luiz Biasetton e por mim.

Por volta do final de janeiro de 1985, já havia o canteiro de obras, e as primeiras escavações começaram. Muitas coisas aconteceram de lá pra cá. Se o Governador retroceder no tempo, 15 meses antes, na sua primeira visita no dia 21 de março, quando as primeiras colunas estavam sendo levantadas — a grande façanha de completar uma obra de tal envergadura e o enorme e racional planejamento feito para que a mudança de todos os equipamentos para a nova fábrica, fosse feita, sem parar a produção normal — torna-se ainda mais fantástica.

Durante a visita que os senhores estão para fazer a esta nova fábrica, poderão observar os resultados de um trabalho árduo feito nos 3 últimos anos por todos os colaboradores da Albany. Sim, quase 3 anos já se passaram desde a manhã do dia 14 de julho de 1983, quando nós pudemos entrar novamente em nossa devastada fábrica em Blumenau, após 7 dias de enchente. Foi quando começamos o planejamento para esta moderna fábrica, a qual poderia assegurar o futuro da Albany no Brasil para nossos empregados, clientes e comunidade.

Os senhores poderão ver o resultado do trabalho no qual milhares de pessoas participaram diretamente, seja nas fundações,

construção, instalações, jardins, decorações e na aplicação da alta tecnologia visando um moderno complexo industrial, que pudesse oferecer conforto para seus trabalhadores e não apenas mais uma "outra" fábrica.

Para mencionar todas as empresas que participaram na construção desta obra, levaria todo o resto da manhã, assim, eu gostaria de agradecer em conjunto, a todas elas e mencionar algumas que hoje se fazem presente.

Na arquitetura, coordenação de projetos e fiscalização: Lindner, Herwig, Shimizu Arquitetos. Na construção civil: Omnia Engenharia e Construções S.A., Tupiniquim Termotécnica, Metalúrgica Krieger. Com relação a novos maquinários e equipamentos temos: Ishikawajima do Brasil Estaleiros, HOH Bombas e Máquinas Ltda., Mecânica Storrer S.A., que trabalharam em conjunto com a equipe de Engenharia da Albany International Corporation e a Engenharia de nossa fábrica.

Acionamentos e controles para novos maquinários: Weg Acionamentos S.A. Projetos e instalações elétricas: Walter Schmidt Ltda. e Engeprom, Tenge Industrial Ltda., Weg Transformadores S.A. — Pavimentação e paisagismo externo: Hayashi & Cia. Ltda. Pedrasul Ltda., Flora Mariva. — Móveis, e trabalhos de marcenaria: Casa de Móveis Rossmark Ltda., Móveis Teperman S.A. e Cisne Decorações. — Mudança de maquinários: Ridal S.A.

Uma especial menção de nossa estima e gratidão, ao Governo do Estado, CELESC, DER, TE-

LESC, CASAN e aos Secretários do Governador Esperidião Amin, Sr. Marcos Rovaris e ao antigo Secretário Sr. Etevaldo da Silva.

Aos nossos prezados clientes, queremos agradecer por terem sido os inspiradores desta nova fábrica.

Cientes de nossa grande responsabilidade como principal fornecedor em todos os mercados em que atuamos e, para não frustrarmos a confiança que os Senhores em nós depositam, tínhamos que agir... e rápido.

E aqui está a nova e ainda mais moderna fábrica, totalmente voltada e dedicada aos Senhores. E não poderia ser diferente, pois são os Senhores a razão da nossa própria existência.

E a vocês, meus amigos Luiz Polidoro e Arno Zoschke, devemos a realização de nossos sonhos que começaram aqui, onde existia apenas mato, em setembro de 1983; a Prefeitura de Indaial, Câmara de Vereadores e ao povo de Indaial, o nosso especial agradecimento por todos os esforços e sacrifícios feitos.

Estamos orgulhosos de ser um membro da comunidade de Indaial.

Finalmente, os senhores poderão constatar o que foi realizado com a dedicação e orgulho dos 300 empregados.

Poderão ver o que uma equipe treinada e esforçada pode fazer para alcançar o grau de excelência.

Poderão notar que um dos fatores chave no sucesso da Albany do Brasil, é a atenção aos detalhes, em tudo que nós fazemos".

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

O historiador catarinense José E. Finardi acaba de merecer grande destaque em obra estrangeira. Com efeito, no alentado volume "Vencer ou morrer — Nas florestas brasileiras", o renomado sociólogo e professor italiano Renzo M. Grosselli, da Universidade de Trento, publicado sob os auspícios desta e do patrocínio do Governo da Província Autônoma de Trento, Itália, aborda até a exaustão, ao longo de 650 páginas, a epopéia da colonização italiana nas Colônias Blumenau, Brusque e Nova Trento, desde sua explosão no norte da Itália até a chegada dos imigrantes às regiões em que se estabeleceram, criando a civilização que conhecemos nessas regiões de colonização italiana.

Para elaboração do importante trabalho, o notável historiador baseou-se na extensa bibliografia existente sobre a colonização italiana no Brasil Meridional, notadamente a relacionada com os vales do Itajaí e Mirim, arquivos, depoimentos orais de pessoas idosas, além da observação pessoal do autor, que permaneceu nesta região durante cerca de seis meses.

Entre os autores citados pelo historiador, é destacado o Prof. José E. Finardi, expert em história da colonização italiana no Vale do Itajaí e que é citado no correr da obra por mais de cem vezes, em especial no atinente às bases humanas, quando o sociólogo faz breves e interessantes retificações, de somenos importância, como ocorre neste trecho: "Trentinos (e italianos) na Colônia Blumenau — As listas — Muito mais fácil foi nosso trabalho de pesquisa em relação à recuperação dos nomes dos emigrados trentinos e italianos nesta Colônia. Existem já pesquisas a respeito, levadas a efeito por José E. Finardi, natural de Ascurra. Pôde ele trabalhar durante muito tempo com documentos originais da Colônia, junto ao "Arquivo J. F. da Silva, de Blumenau. Muitos desses documentos se perderam no incêndio que danificou gravemente o Arquivo.

O mesmo sr. Finardi fez pesquisas junto ao "Arquivo da Paróquia São Paulo Apóstolo", de Blumenau, no atinente aos registros de casamentos (1875-1892). O resultado dessas pesquisas foi publicado na revista histórica "Blumenau em Cadernos" e no seu livro "Colonização Italiana de Ascurra". Mas o que o leitor encontrará nas pesquisas seguintes não é tudo o que abordou Finardi. De fato, tivemos a felicidade de encontrar, durante as nossas pesquisas junto ao "Arquivo Público do Estado", em Florianópolis, dois volumes dos ten-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

pos da Colônia. Registram os lotes relacionados em alguns distritos coloniais e entre estes os "trentinos" de Rodeio e Rio dos Cedros. Os dois documentos são precedentes àqueles analisados por Finardi. As diferenças não são muitas mas em alguns casos nos permitiram individualizar novos núcleos familiares de trentinos e italianos que na documentação de Finardi não estavam presentes. Também, no atinente a Acurra, um terceiro livro encontrado no referido Arquivo, nos permitiu afastar-nos parcialmente dos dados fornecidos por Finardi. Sob esse aspecto, em alguns casos, corrigimos a região de origem dos emigrados partindo das listas "italianas" em nosso poder. Outrossim, as mesmas listas nos permitiram indicar a localidade de origem do colono que as pesquisas de Finardi não tinham individualizado. Algumas vezes corrigimos a grafia dos nomes dos familiares proposta por Finardi e bem assim do local de origem. Em raros casos se nos deu ensejo de poder demonstrar que o proprietário de um lote não era aquele indicado por Finardi, mas de um filho. É de se salientar que o estudioso pesquisador brasileiro encontrou, em suas pesquisas, as mesmas dificuldades com que temos nos defrontado e que acentuamos no referente à Colônia Itajahy — P.D.P. A diferença entre essa Colônia e a de Blumenau é que nesta o processo de colonização foi menos caótico, com entrada menos maciça nos "anos quentes" e com uma administração direta sempre pela mesma pessoa." (Pág. 606).

Evidencia-se assim a importância e o pioneirismo do trabalho do historiador catarinense, abrindo caminhos para o levantamento do nosso passado. As incontáveis referências feitas à sua obra, apesar das pequenas e naturais diferenças encontradas, mostra como ela é útil e séria.

— . — . — . — . — . —

Registro com alegria o aparecimento de novos livros de autores catarinenses, começando por "O Vagabundo Iluminado", do grande e conhecido poeta Marcos Konder Reis. Em mais de quatrocentas páginas deste seu 21.º livro, misturando poesia com prosa-poética, busca o autor "um Deus sem dogmas", um Deus que está em tudo e em toda parte. Nestes inumeráveis poemas não-titulados, o poeta surge livre, inovador, na plenitude de seu talento. Um grande livro, consagrador, desses que têm muito para ser lido e meditado.

Também de poemas é "Flauta de Espuma", de Hugo Mund Júnior, publicado por Lavras Editora (Brasília). O autor - um poeta que vem produzindo e publicando com intensidade, como querendo recuperar no verso o tempo gasto em outras atividades artísticas e culturais. Como disse o crítico Silveira de Souza, esta é a frase do "reencontro de Hugo Mund Júnior com a palavra", iniciado em livros anteriores e que neste volume se realiza "sob o signo da água", com a nostalgia do passado. Em poemas curtos, precisos, justo, ele põe a nu os sentidos, com técnica e criatividade.

Anoto, por fim, as novas obras de duas blumenauenses: "Destinos", contos de Edith Kormann, e "Vem, vamos remar", de Urda Alice Klueger, este último lançado em Florianópolis na galeria da Casa da Cultura. O livro de Edith Kormann será lançado em Blumenau nos próximos dias.

— DIA 1.^o — Com expressiva programação em todo o país, o SESI — Serviço Social da Indústria festejou o transcurso de seu 40.^o aniversário de criação. Em Blumenau o acontecimento foi festejado com a realização da III Olimpíada Nacional, que concentrou no grande complexo da rua Itajaí, milhares de atletas vindos de outros Estados.

* *

— DIA 2 — Centenas de peixes, entre carás, jundiás e traíras de pequeno, médio e grande porte, foram encontrados boiando, nas águas no ribeirão Garcia, certamente intoxicados por algum agente poluidor lançado às águas daquele ribeirão. Causou tristeza o fato, pois trata-se de mais um atentado contra a preservação da nossa fauna aquática.

* *

— DIA 10 — Segundo informações prestadas pelo Secretário de Agricultura ao Prefeito Dalto dos Reis, aquela Secretaria comercializou, durante o mês de junho, 7.655 mudas de árvores frutíferas durante a Quinta Feira para a Comercialização desses produtos, promovida pela mesma Secretaria. A informação adiantou que 5.655 mudas foram vendidas a moradores das zonas urbanas e 2.000 às zonas rurais. Das plantas vendidas, 402 pessoas adquiriram 3.504 cítricas; 2.452 mudas de ameixa, pêssego, maçã, pêra, figo, uva e caqui; 355 abacate, carambola, anona e pitanga; 250 de mamão e maracujá; 68 de jabuticaba híbrida e 36 de jabuticaba sabará.

* *

— DIA 18 — Em sessão solene realizada na Câmara de Vereadores, o industrial Bernardo Werner, ex-presidente da FIESC, recebeu o título de Cidadão Benemérito de Blumenau.

* *

— DIA 18 — Em Joinville aconteceu, com solenidade muito expressiva e concorrida, registrou-se a inauguração das novas instalações do Arquivo Histórico de Joinville, que reúne um valioso acervo histórico não só do município como de toda a região norte do Estado. Brilhante criação foi pronunciada na ocasião pela notável historiadora joinvillense sra. Elly Herkenhoff.

* *

— DIA 19 — Com a presença de milhares de expectadores que lotaram as dependências das arquibancadas, realizou-se a abertura da III Olimpíada do SESI, de âmbito nacional, sediada pelo SESI de Blu-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

menau. O acontecimento teve lugar no complexo situado à Rua Itajaí (Rodovia Jorge Lacerda).

* *

— DIA 22 — O Clube de Diretores Lojistas de Blumenau registrou a passagem de seus 20 anos de fundação, fato comemorado com um almoço festivo.

* *

— DIA 23 — No auditório "Heinz Geyer", Teatro Carlos Gomes, a Aliança Francesa patrocinou o recital de piano de Pedro Dominguez, proporcionando os momentos mais agradáveis com um variado e bem selecionado programa de músicas de Beethoven, Franz Liszt e Frédéric Chopin. O acontecimento teve o apoio da Prefeitura Municipal de Blumenau.

* *

— DIA 25 — Encerrou-se a II Olimpíada Nacional do SESI, realizada em Blumenau, com a vitória de Santa Catarina que conquistou o maior número de medalhas, sendo onze de ouro, cinco de prata e seis de bronze. Em segundo lugar chegou o Estado do R.G. do Norte, com 20 medalhas.

* *

— DIA 31 — Na Galeria da Casa da Cultura, em Florianópolis, realizou-se a solenidade do lançamento do livro da escritora blumenauense Urda Alice Klueger — "Vem, Vamos Remar", editado pela Editora Lunardelli.

NOTAS EXTRAIDAS DO "DER URWALDSBOTE"

NECROLÓGIO

(Ano 27 — n.º 48 — Terça-feira — dezembro 1919)

O senhor Dr. Hermann von Ihering, diretor do Museu Estadual em Florianópolis, enviou à nossa redação um necrológio que escreveu sobre o recente falecido Prof. Dr. Robert Jannasch o extraordinário sábio economista político, cuja morte prematura lamentamos profundamente.

—O—O—O—

EXPULSÃO

(Ano 28 — n.º 8 — 27/julho/1920)

De acordo com uma notificação recebida por nosso Juiz de Direito e enviado pelo Governador do Estado e expedido pelo Ministro do Interior no dia 13 do corrente mês foram expulsos do Território Nacional os senhores Fritz Koch e Georg Sterneck, ambos de nacionalidade alemã e funcionários da Empresa Industrial Garcia em Blumenau. São os primeiros alemães tanto quanto sabemos que são expulsos do país por agitação social e bolchevista. Até hoje empenhavam-se neste setor somente elementos de outras nacionalidades.

BLUMENAU

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Conclusão)

Blumenau e Brusque formam, englobadamente, um grande conjunto têxtil. A indústria de Brusque é ainda menos diversificada que a de Blumenau. Do valor da produção industrial de Brusque, em 1958, de Cr\$ 830.600.000,00, nada menos que Cr\$ 759.900.000,00, ou seja, 92% são devidos à indústria têxtil. Em conjunto, Blumenau e Brusque são responsáveis por 2/3 (em valor) da produção têxtil de Santa Catarina.

A indústria têxtil se expandiu pelo Brasil antes da última Grande Guerra e durante o conflito este ramo industrial atingiu um ápice no seu desenvolvimento, chegando a exportar grande parte de sua produção. Passada a Guerra, perdeu a indústria têxtil brasileira seus mercados externos e entrou em período de crise. Uma revolução tecnológica teve lugar na fiação e tecelagem, com substituição de mão-de-obra por máquinas e intensa concentração do capital. Blumenau e Brusque, que já eram centros têxteis importantes, conseguem se adaptar bastante bem a este período de reajustamento, que previsivelmente prosseguirá por alguns anos. Uma importante empresa de Blumenau acaba de adquirir grande fábrica têxtil em Rio Grande (RS), o que demonstra a vitalidade da economia de Blumenau e seu provável sucesso neste remanejamento da estrutura da indústria têxtil nacional. Mas isto não significa que o desenvolvimento industrial de Blumenau possa continuar a ter a fiação e tecelagem por fundamento. Pelo contrário, o mercado têxtil nacional está em **transformação**, seja pela introdução de novos produtos (fibras artificiais e sintéticas, etc.), seja pelo acirramento da competição entre empresas cada vez mais poderosas; mas ele não apresenta forte **taxa de expansão**. De modo que, ou Blumenau envereda por novos ramos, que se encontram na linha de substituição de importações, ou suas possibilidades de desenvolvimento ficarão comprometidas.

Examinando-se um mapa dos meios de transporte de Santa Catarina, verifica-se de imediato outra vantagem relativa de Joinville em relação a Blumenau (e Brusque). Joinville se acha ligada diretamente ao Paraná (e a São Paulo e Rio) por ferrovia e rodovia. Blumenau se liga ao mercado nacional principalmente pelo porto de Itajaí. Existe também ligação rodoviária, mas é via Joinville, numa distância de cerca de 110km a mais. Além disso Joinville tem ligação aérea com São Paulo, Rio etc. e Blumenau não. Como os portos catarinenses possuem deficiências — São Francisco do Sul tem apenas 6m de calado e Itajaí somente 3 a 4,7m — e com a navegação de cabotagem, em geral, está demonstrando ser, no Brasil, meio de transporte inferior ao rodoviário, a desvantagem de Blumenau se torna mais grave. Para facilitar sua ligação com o mercado nacional, seria preciso melhorar o

porto de Itajaí e, talvez, estabelecer uma conexão de Blumenau com o tráfego aéreo nacional. É possível também que, com a abertura da grande rodovia federal BR-2, que corre na direção norte-sul a oeste do Vale de Itajaí, muitas mercadorias que passavam por Blumenau, para serem exportadas por Itajaí, se encaminhem agora, via Rio do Sul, diretamente para a BR-2, reduzindo a expressão de Blumenau como grande centro comercial do vale do Itajaí.

Examinemos finalmente a mais importante vantagem histórica de Blumenau: o seu grande mercado local. O valor da produção agrícola do Vale do Itajaí foi, em 1958, de 1.141,7 milhões de cruzeiros, sendo seus itens principais o arroz (296,6 milhões), o fumo (279,3 milhões) e o milho (212,9 milhões). O Vale do Itajaí responde por 16,5% do valor da produção agrícola do Estado. Na realidade estes valores devem corresponder apenas à produção vendida. Se estimarmos a produção pecuária como sendo de 500 milhões de cruzeiros, naquele ano (o que se justifica, pois o valor dos rebanhos no Vale era de 2.098 milhões) (*), verificaremos que o total produzido não ultrapassa 1.642 milhões. Compare-se esta cifra com o valor da produção industrial só de Blumenau, no mesmo ano: 2.651,8 milhões! Se considerarmos que dos 428.386 habitantes do Vale do Itajaí, de acordo com o Censo de 1960, 270.731 vivem na zona rural e apenas 48.041 compõem a população urbana de Blumenau, não é possível atribuir a estes últimos uma produção de valor 60% superior à dos primeiros. É óbvio que a produção autoconsumida nas propriedades rurais não foi considerada e que ela é muito grande, o que demonstra que a economia natural ainda sobrevive, de maneira extensa, no Vale do Itajaí.

Mas a sobrevivência da economia natural não é o único fator que limita o mercado local para a indústria blumenauense. A economia agrícola do Vale do Itajaí tem perdido terreno no mercado nacional. Para entender este fenômeno é preciso analisar alguns aspectos da evolução de nossa agricultura. O Brasil está passando, nos últimos decênios, por intenso processo de urbanização, causado pelo crescimento do parque industrial. Disso resulta forte expansão do mercado interno de produtos agrícolas. Para atender à demanda surgida neste mercado, reorientou-se a produção agrícola brasileira, antes voltada apenas para exportação e para a subsistência. A mudança que se verificou não atingiu apenas a destinação dos produtos agrícolas, mas do próprio modo de produção. Em certas áreas do país a agricultura tradicional, do tipo colonial, foi substituída por agricultura moderna, do tipo capitalista. Um exemplo importante desta modificação é o surgimento da rizicultura e da triticultura em terras das estâncias gaúchas.

Neste processo de transformação da agricultura, a localização em relação aos grandes mercados consumidores — São Paulo, Rio e arredores — teve papel destacado. Os investimentos na agricultura preferiram áreas próximas destes mercados, daí o surgimento da rizi-

(*) Em 1958, representou a produção pecuária (bovinos e suínos) de Santa Catarina, cerca de 22,4% do valor dos rebanhos.

cultura e da criação de gado leiteiro no Vale do Paraíba e no sul de Minas.

O Vale do Itajaí não estava bem preparado para acompanhar esta evolução. Em primeiro lugar, sua localização não é muito favorável, situação ainda agravada pela ausência de bons meios de transporte. Em segundo lugar, o tipo de propriedade da terra predominante no Vale do Itajaí não é o mais adequado a uma agricultura capitalista. Tratam-se de pequenas propriedades, que se subdividem continuamente, tendendo inexoravelmente ao minifúndio. Esta subdivisão crescente é devida à lei da herança. Ao contrário das regiões de agricultura colonial, onde predomina o latifúndio e a tradição estimula a conservação da propriedade una, como na zona de Lages, por exemplo, no próprio Estado de Santa Catarina, nas regiões de colonização européia o ponto de partida é a pequena propriedade, de não mais de 20 a 30 ha, que na sucessão do chefe da família é normalmente partilhada entre a viúva e os filhos. Vejamos este processo nos últimos 10 anos (1950-1960):

TABELA XII
Propriedade da terra no Vale do Itajaí

	Propriedades		Área	
	1950	1960	1950	1960
Total	22.659	33.338	581.365 ha	740.241 ha
Propriedades de 0-10 ha	3.927	10.148	22.045 ha	45.766 ha
Propriedades de 10-100 ha	18.312	22.636	462.827 ha	560.467 ha
Propriedades de 100-1.000 ha	408	516	74.072 ha	94.935 ha
Propriedades de 1.000-10.000 ha	12	14	22.421 ha	39.073 ha

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Agrícola de 1960 — Santa Catarina, IBGE.

A Tabela XII nos mostra o crescimento de quase 50% do número de propriedades, ao passo que a área total aumentou de apenas 28%, o que faz com que a área média do estabelecimento se reduza de 25,6 ha em 1950 para 22,2 ha em 1960. Mais impressionante ainda é o aumento do número de minifúndios (propriedades de menos de 10 ha): a sua quantidade quase triplica em apenas 10 anos, ao passo que a sua área média cai de 5,6 ha em 1950 para 4,5 ha em 1960. A classe das grandes propriedades também cresceu, principalmente em área, mas apenas nos municípios mais afastados do ponto inicial de colonização, tais como Taió, que fica no extremo oeste do Vale, onde surgiram, entre 1950 e 1960, três grandes propriedades ocupando um total de 18.600 ha. Trata-se certamente de fazendas recém-abertas. Quanto mais nos aproximamos da área de origem da colonização, isto é, quanto mais **antiga** a ocupação da terra, tanto maior o predomínio do minifúndio. Em Blumenau (inclusive Pomerode, desmembrado entre 1950 e 1960), por exemplo, a área em propriedade permaneceu a mesma, mas o número de propriedades aumentou de 18%, o que fez a área média da propriedade cair de 17,3 ha em 1950 para apenas 14,5 ha em 1960. O número de propriedades de menos de 10 ha dobrou, em Blumenau (e Pomerode) passando de 512 em 1950 para 1.044 em

1960. Em Brusque o número de minifúndios passou de 150 em 1950 para 1.235 em 1960, o que dá um aumento de 723% em apenas 10 anos!

É preciso notar que, neste contexto, a Zona do Litoral de São Francisco, **hinterland** de Joinville, não se encontra em melhor situação. Entre 1950 e 1960, o número de minifúndios dobrou nesta área, passando de 2.475 para 4.807. Particularmente em Joinville este número quase triplicou, passando de 208 em 1950 para 580 em 1960.

O resultado desta pulverização do estabelecimento agrícola só pode ser uma certa decadência da produção. Santa Catarina, o que equivale dizer o Vale do Itajaí, perdeu sua posição no mercado paulista e carioca de laticínios para o sul de Minas e para o Vale do Paraíba, que estão mais próximos do mercado e onde a estrutura da propriedade permitiu à agricultura capitalista maiores avanços. Mesmo no mercado nacional do arroz, o **hinterland** de Blumenau não pôde manter uma posição de relativo destaque. Em 1946, só **Blumenau** exportou 8.226 t de arroz; em 1956, as exportações **totais** de Santa Catarina, por cabotagem, foram de 14.109 t de arroz, que caíram para 9.205 t em 1957 e para 6.522 t em 1958, para subir novamente para 12.310 t em 1959, caindo para 11.732 t em 1960. Em 1958 produziu o Vale do Itajaí um terço do arroz do Estado. Mesmo que admitamos que 50% das exportações de arroz provenham do Vale do Itajaí, é forçoso concluir que, mesmo em termos absolutos, houve certa queda de exportações, entre 1946 e 1960.

Todos os aspectos analisados até aqui, neste capítulo, levam à mesma conclusão: o desenvolvimento econômico de Blumenau se encontra diante de um impasse. A sua especialização industrial — indústria leve, principalmente têxtil — apresenta, nacionalmente, taxas de expansão cada vez mais débeis, encontrando-se superada pela nova fase de industrialização em que entrou no país. Certas economias externas, tais como energia elétrica e transporte, sofrem de graves insuficiências. E o mercado local, pelo excessivo fracionamento da propriedade agrícola, perdeu grande parte do dinamismo que o caracterizava. Nestas circunstâncias, qual é o futuro industrial de Blumenau?

Na realidade, nenhuma resposta pessimista a esta indagação se justifica. Blumenau apresenta grandes vantagens relativas, principalmente porque se trata em termos da economia brasileira de um centro industrial antigo. E na corrida pela industrialização, quem toma a dianteira vai, só por este fato, acumulando vantagens. Blumenau possui mercado de mão-de-obra industrial já formado e certo mercado de capitais. É, por enquanto ainda “cabeça de zona” da região mais rica do Estado. Com a adoção de algumas medidas tendentes a aliviar os pontos de estrangulamento, a industrialização de Blumenau poderá persistir em seu rumo ascendente. Algumas destas medidas, como as referentes à energia elétrica e transportes, dependem exclusivamente de disponibilidade de recursos para investimentos. Outras, porém, exigem reorganização social de alguma profundidade e são muito mais complexas. Provavelmente a mais importante medida, neste sentido, seria a reaglutinação dos estabelecimentos agrícolas, possivelmente sob a forma de cooperativas de produção. Isto permitiria a me-

lhora geral da técnica agrícola no Vale de Itajaí, com consideráveis ganhos de produtividade. A procura muito maior de instrumentos agrícolas, inclusive mecânicos, e de adubos, inseticidas, etc., assim provocada, poderia estimular a expansão da indústria metalúrgica, mecânica e química em Blumenau, com a conseqüente diversificação de sua estrutura industrial.

A BIBLIOTECA NACIONAL, NO RIO DE JANEIRO, É UMA GUARDIÃ DA MEMÓRIA NACIONAL

Aricy Curvello

Considerada a maior herança cultural do Brasil, a Biblioteca Nacional é a segunda maior das Américas e uma das mais consideradas do planeta. Criada pelo Decreto Real de 29 de outubro de 1810, de D. João VI, completará 176 anos, tendo sobrevivido aos terremotos políticos, militares e econômicos de nossa atribulada História.

Lei Federal do ano de 1907, até hoje em vigor, criou a obrigatoriedade de se remeter à BN um exemplar de qualquer publicação feita no Brasil. É a Lei do Depósito Legal, nem sempre respeitada e obedecida.

É de fundamental importância depositar-se na BN também um exemplar de toda a publicação marginal/independente. A BN está aberta para receber, guardar e preservar nossa produção. Já absorveu e está preservando coleções completas de revistas mimeografadas como os 32 números de "A TOCA DO (MEU) POETA" (Guarabira — PB), cadernos de poesia como os treze da coleção da MVPB, os sete números da revista-envelope "O SACO" (Fortaleza/CE) e mesmo publicações xerocadas.

Colabore com a preservação da memória nacional. E de seu próprio trabalho, produtor independente.

Um exemplar de livros e periódicos (revistas e jornais, cadernos, livros, etc.) deve ser remetido para:

BIBLIOTECA NACIONAL
Seção de Contribuição Legal
Av. Rio Branco 219 — 3.º andar
20040 — Rio de Janeiro — RJ

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Alferes de Milícias Athanagildo Pinto Martins

Maria Elizabeth Bresolin

Ao Alferes de Milícias Athanagildo Pinto Martins, Santa Catarina muito deve no relativo ao desbravamento de seu Oeste, sendo inexplicável a omissão de nossa historiografia oficial quanto a seus feitos. Talvez isso se deva à questão de limites com o Paraná, que apaixonou adeptos de ambas as partes e empanou a verdade histórica.

Nasceu em Castro (PR), aos 08.09.1772, tendo falecido na Invernada da Guarita (RS), com testamento, aos 22.10.1852. Seu pai foi o Capitão-mor Rodrigo Félix Martins e seu irmão, de nome idêntico ao paterno, é considerado o "Patriarca de Carazinho" (Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, A Formação do Gaúcho, pág. 97). Foi casado com Ana Joaquina do Amaral, em primeiras núpcias, e com Maria do Amaral Gurgel, natural de São Paulo, em segundas, segundo presume a historiadora Selene A. D. L. Sperandio à vista das contradições dos documentos pesquisados.

Em fins de 1819 ou começo de 1820 (Hemetério José Velloso da Silveira, As Missões Orientais e seus Antigos Domínios, pág. 338), vamos encontrá-lo como imediato do Capitão Antônio da Rocha Loires, na expedição que, partindo de Guarapuava (PR), passou por Palmas, Lages, Curitiba, Lagoa Vermelha e outros lugares onde hoje se encontram expressivas cidades, chegando aos "campos desertos de Passo Fundo". Francisco Negrão, no entanto, em sua conhecida Genealogia Paranaense, recua tal data para 1818, quando o Major Athanagildo, "procurando explorar uma vereda para o Rio Grande do Sul, descobriu os Campos de Palmas". O Capitão Antônio da Rocha Loures descendia do Capitão Antônio João da Costa, natural de Lisboa, freguesia de Santa Maria de Loures (dai o patronímico), e de Maria da Rocha de Jesus, filha de João Carvalho de Assunção, o avô do último capitão-mor de S. Francisco do Sul, Antônio Carvalho Bueno (Carlos da Costa Pereira, História de S. Francisco do Sul, pág. 89 e Francisco Negrão, Genealogia Paranaense, 1.º vol., pág. 471). De se notar, porém, que João Carvalho de Assunção foi casado duas vezes: a primeira com Álvaro Bueno da Rocha e a segunda com Maria Bueno da Rocha, conforme assinalado pelo referido genealogista, ambas, presumivelmente, irmãs e, por isso, filhas do Capitão Antônio Bueno da Veiga, natural de S. Paulo (Álvaro não é referida na obra de Negrão, mas a encontramos nas pesquisas de A. R. Nascimento).

A expedição passou pelo local onde se situa hoje Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e chegou ao povo de São Borja, então Capital das Missões. Após isso, o Alferes Athanagildo foi incumbido de voltar e agradecer ao Governador de S. Paulo os préstimos da expedição. No lugar posteriormente denominado Pinheiro Marcado, Athanagildo, querendo levar mais longe a descoberta, dividiu sua escolta, entregau-

do o comando de uma parte a seu inferior Carlos Neves, que, servindo-se do guia índio João Gongue, tinha a incumbência de ir em linha reta até Palmas, passando pela região hoje compreendida no Extremo Oeste de Santa Catarina. Vinte e oito anos depois, quando se iniciou o povoamento de Nonoai (RS), soube-se pelos índios domesticados, que a expedição de Carlos Neves fora trucidada pelos silvícolas, presumivelmente em algum ponto de nosso Estado. Em virtude do malogro de tal expedição, Athanagildo foi punido pelo governador paulista. Incorporado à legião bandeirante, foi obrigado a lutar com os espanhóis na fronteira oriental. Mas, pelos seus atos de bravura e pela correção de sua conduta, conseguiu redimir-se do castigo, saindo da luta com a antiga Província da Cisplatina no posto de Capitão.

Já em 1835 era vereador em Cruz Alta (RS), tendo, em 1837, aderido à Revolução Farroupilha, que abjurou logo em seguida, muito embora seu irmão Rodrigo Félix Martins tenha lutado como farrapo e saído da luta no posto de tenente. Deve datar dessa época a aquisição da Fazenda da Figueira que teve "no lugar denominado Santa Bárbara". Além disso, foi um dos mais bravos soldados na batalha de Curitibanos, quando as forças capitaneadas por Teixeira e Garibaldi foram derrotadas pelas da brigada do Coronel Mello e Albuquerque. Estabeleceu-se, definitivamente, com a família e seus escravos, na Estância Figueiras, de sua propriedade, podendo ser considerado um dos grandes povoadores daquela região gaúcha, vizinha das terras catarinenses que ele tão bem conheceu.

Há que se registrar, porém, que existiram dois Athanagildos, o que leva o pesquisador a grandes confusões. O Brigadeiro desse nome, com relevantes serviços prestados à fundação de Palmeira das Missões, era neto sociológico do Alferes Athanagildo Pinto Martins, filho de uma enteada deste, conforme esclareceu Mozart Pereira Soares, citado por Pedro Ari Verissimo da Fonseca (ob. cit.). De qualquer modo, ambos pertenciam à mesma família e a eles se deve um perfeito conhecimento do que é hoje o Oeste de Santa Catarina, havendo até documentos que recuam essa data a 1815. O fato de ter lutado na célebre batalha de Curitibanos revela o profundo conhecimento que o Alferes Athanagildo tinha do território catarinense.

Não se pode esquecer, outrossim, o mérito do Capitão Antônio da Rocha Loures, superior do Alferes Athanagildo na referida expedição. Ele era nascido em S. José dos Pinhais, filho de João da Rocha Loures e de Ana Ferreira de Oliveira, falecida em 15.3.1795. Nascido em 1782, casou-se com Joana Maria da Luz e deixou os seguintes filhos: Maria Francisca, casada com o Cap. João Carvalho de Assunção; Gertrudes Escolástica Ferreira; Brigadeiro Francisco Ferreira da Rocha Loures, casado com Laura Rosa de França; Rosa Delfina Ferreira, casada com Benedito M. Sampaio; Escolástica Ferreira da Rocha; Joaquina Ferreira da Rocha, casada com Benjamim Simões de Oliveira; e João Ciprino da Rocha Loures.

Depois dos bandeirantes paulistas, foi, sem dúvida, o Alferes Athanagildo Pinto Martins quem melhor conheceu o Oeste de Santa Catarina.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA